

A economia *Brasil* está atrasada, diz construtor

Da sucursal do
RIO

O presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), Oswaldo José Stecca, defendeu ontem uma moratória com prazo de três anos. Tempo que considerou necessário para o presidente Figueiredo encontrar soluções para outros problemas internos do País. Ao justificar sua proposta disse que a economia brasileira está toda atrasada, "com todos empobrecendo, devido ao estado recessivo e falta de dinheiro aliada a taxas de juros escrachantes, onde os que ganham são de fora, ou os bancos, a única exceção".

Na sua opinião, a decisão do presidente da República de centralizar o comando das medidas para o pagamento da dívida externa brasileira não é novidade, pois em junho do ano passado já mostrava essa preocupação ao afirmar, durante encontro com empresários em Brasília, que "não estava mais conseguindo dormir com o problema". Acrescentou que deve ser dado prazo para que Figueiredo possa trabalhar o assunto da dívida externa dentro da ótica política, de governo para governo.

Mas, apesar de defender uma moratória, Stecca mostrou-se contrário a qualquer forma de tratamento de choque para a economia brasileira, como forma de viabilizar os problemas de balanço de pagamentos. Segundo disse, o Brasil chegou à crise econômica em que se encontra e, agora, precisará tomar uma decisão: "ou nós nos convencemos de que somos uma grande Nação independente, desenvolvida e culta, ou continuamos sendo controlados de fora".

Na sua opinião, o Brasil não deve basear sua saída da crise econômica em métodos estranhos à realidade do País, como as metas estabelecidas pelo Fundo Monetário Internacional. Citou, como exemplo de poder de influência negativa, a limitação dos salários em 80% do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), "contra a qual nos colocamos, como tudo aquilo que reduz o poder aquisitivo do consumidor que, em última análise, é o responsável direto pelo desenvolvimento interno de qualquer país".

Para o presidente da CBIC, o brasileiro terá de suportar uma carga de dificuldades e abrir mão de certos confortos alcançados para poder, realmente, contribuir para o processo de recuperação da economia do País. Citou como exemplo de programa austero a ser colocado em prática a substituição do petróleo por outras formas de energia alternativa, pois esse produto representa US\$ 10 bilhões dos dispêndios anuais do Brasil, além de ter grande efeito sobre o nível de emprego.

Dessa forma, Stecca propôs a substituição do óleo diesel pela lenha nas caldeiras das empresas, o mesmo acontecendo com relação ao gás liquefeito de petróleo (GLP) para uso em cozinha. Nos transportes pesados, defendeu a substituição do diesel pelo gasogênio, "que são formas energéticas altamente renovadas e de forte formação de mão-de-obra, pois são extraídas da madeira".